

# GUERREIRAS IMORTAIS DO CONTESTADO, AS QUE TUDO VIAM E FAZIAM DURANTE A GUERRA DE EXTERMÍNIO

*Contestado's immortal warriors, the ones that used to see and do everything during the extermination war.*

Aline Eloíse Trento<sup>1</sup>

Vanessa Maria Ludka<sup>2</sup>

Nilson Cesar Fraga<sup>3</sup>

## Resumo

A Guerra do Contestado ainda é pouco difundida no que tange a sua real concepção, pois seu contexto por vezes é não é compreendido devido a sua dinamicidade, sendo na maioria das vezes remetido a uma mera disputa de território entre Paraná e Santa Catarina. O estudo que aqui se apresenta tem como intuito principal realizar uma análise que venha contribuir para a compreensão deste evento, propiciando um enfoque na importância da atuação das mulheres no contexto da Guerra. Para tanto a partir desta problemática serão ressaltadas as relações efetivadas pela figura feminina no decorrer desta Guerra tão complexa. Embora sejam poucos os registros da Guerra do Contestado que contemplem a participação das mulheres, estas tiveram um papel fundamental no conflito, cada qual com a sua importante atuação, justificando a abordagem do papel atribuído às mulheres nos redutos durante o conflito e as lideranças femininas que se destacaram no decorrer da Guerra do Contestado.

**Palavras-chave:** Guerra do Contestado; Mulheres do Contestado; Paraná e Santa Catarina.

## Abstract

The Contestado War isn't widespread enough in relation to its real concept, because its context for many times isn't understood due to its dynamics, being in most cases, related to a mere territory dispute between Paraná and Santa Catarina. The study that is presented here has as main aim to do an analysis that comes to contribute for the understanding of this event, offering an approach on the importance of women performances in the war context. For it, from this problematic it will be focused the relationships made by the female figure during this complex war. Although there are few records of the Contestado War that contemplate the women participation, these ones had an essential role in the conflict, each one with an important performance, justifying the approach of the role assigned to women in the strongholds during the conflict and the female lead that were highlighted during the Contestado War.

**Key-words:** Contestado War; Contestado women; Paraná and Santa Catarina.

---

<sup>1</sup> Licenciada e Especialista em Geografia – alinetrento@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda da UFPR - Bolsista REUNI - Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná - vanessaludka@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Doutor (DGEO/PROPGEO-UEL/PPGG-UFPR) - nilsoncesarfraga@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A Guerra do Contestado ainda é pouco difundida no que tange as suas diversas concepções, pois seu contexto por vezes é distorcido ou mal compreendido devido a sua complexidade, geralmente remetido a uma mera disputa de território entre Paraná e Santa Catarina, sendo denominado pelo governo como uma revolta popular liderada pelo povo camponês revoltoso, sertanejos/caboclos. Tais abordagens distorcidas e incipientes promulgam uma descompressão do que ainda resta deste conflito. Nesse sentido cabe ressaltar que as guerreiras imortais do contestado, as que tudo viam e faziam, também desempenharam papéis fundamentais durante a guerra e portanto merecem destaque, pois há muito que se descobrir sobre cada uma delas.

O estudo que aqui se apresenta tem como intuito principal fazer uma análise que contribua para a compreensão da importância da atuação das mulheres no decorrer da Guerra.

Nessa perspectiva, as mulheres, tiveram papéis importantíssimos, fossem elas guerreiras, benzedoras, videntes ou até mesmos representantes de seus lares. Elas contribuíram grandemente durante a guerra, algumas dessas lideranças femininas foram primordiais, mas de modo geral todas merecem ser enaltecidas, por sua garra e coragem, diante dos acontecimentos, pois cada uma, a sua maneira, soube lutar por um mesmo ideal.

Para tanto a partir desta problemática serão observados as relações efetivadas pela figura feminina, por meio de abordagens contextualizadas em referenciais teóricos, a partir de resquícios históricos da Guerra do Contestado, que contemplam esta abordagem.

Embora sejam poucos os registros da Guerra do Contestado que contemplam a participação das mulheres, estas tiveram um papel fundamental, cada qual com a sua importante atuação.

A presente pesquisa se inicia a partir de uma abordagem geral sobre o papel das mulheres em meio a sociedade, posteriormente a figura feminina em meio a Guerra do Contestado e por final uma abordagem mais aprofundada sobre algumas mulheres que se destacaram neste conflito armado tão pouco divulgado, mais extremamente rico, visto que muito pouco se sabe realmente sobre esta Guerra e muito menos ainda sobre essas bravas mulheres guerreiras que tanto fizeram pelo povo dada as circunstâncias da época.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A presente pesquisa vem a ser um estudo aprofundado sobre as mulheres que participaram ativamente durante a Guerra do Contestado.

As informações coletadas foram todas fontes bibliográficas (livros, artigos, teses, entre outros), nas quais buscou-se criteriosamente informações a respeito do tema.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e exploratório, na qual priorizou-se uma análise de informações existentes sobre o tema, visto que não há em suma fontes primárias, algumas referências utilizadas fazem parte do próprio imaginário de autores que transcreveram a partir de histórias orais, ou até mesmo a partir de suas releituras sobre a temática.

A abordagem dada às mulheres do contestado teve a finalidade enriquecer o acervo teórico sobre estas guerreiras, visto que o mesmo se encontra escasso, e se faz necessária uma abordagem mais aprofundada e expressiva.

## **A GUERRA DO CONTESTADO: BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA**

A Guerra do Contestado foi um embate entre camponeses e forças armadas e é considerado um dos maiores conflitos armados em território nacional. Anteriormente, neste mesmo espaço, conforme Fraga (2005, p. 228-255) os conflitos nessa região tiveram início a partir de 1680, “quando os Portugueses fundaram a colônia do Sacramento na margem esquerda do Rio do Prata”, o que culminou em conflitos entre Portugal e Espanha pela posse das terras localizadas na Região Sul do Brasil.

As conceitualizações promulgadas para este evento, são divergentes, há a definição de conflito, movimento social, e a Guerra propriamente dita conforme Fraga, a qual deveras representa significativamente o que de fato ocorreu nesta região, palco de uma das maiores guerras civis ocorrida em território nacional.

A Região do Contestado, conforme Fernandes In Fraga (2009) trata-se de uma área de quarenta mil quilômetros quadrados disputada pelos estados de Santa Catarina e Paraná, território este rico em florestas de madeiras nobres e imensos ervais nativos. A definição “Guerra do Contestado” se deve ao fato de que tais terras eram contestadas pelos estados de Paraná e Santa Catarina. Cabe ressaltar que o conflito não teve início em função da disputa territorial travada pelos Estados do Paraná e Santa, a maior parte das “cidades santas” e da guerra ocorreu em território catarinense não contestado pelo Paraná.

De acordo com Fraga (2005, p.229) a Guerra do Contestado teve proporções gigantescas sendo uma das maiores Guerras Civis Brasileira, e para que a mesma seja entendida em sua complexidade, são necessárias abordagens históricas, filosóficas, políticas, sociais e culturais, para elucidar este conflito, tal qual foi a sua representatividade no cenário nacional.

Outro elemento que contribuiu fortemente para a instabilidade social na região contestada, bem como no conjunto do planalto Catarinense, foi a introdução da ferrovia. [...] A empresa concessionária responsável pela exploração da linha por 90 anos era a Brazil Railway, formada pelo magnata norte-americano Percival Farquhar com a contribuição de capitais ingleses e franceses, o qual além da garantia de juros em caso de prejuízo, recebia uma doação por parte do governo federal um trecho de até 15 quilômetros de terras de cada margem da linha.[...] (MACHADO, 2004, p. 142-143).

Tal determinação do governo federa com apoio dos coronéis da região, que doou as terras sem se preocupar com as pessoas que ali residiam, desencadeou a insurreição cabocla, dando início a expulsão de milhares de famílias de camponeses que acabaram por perdendo suas moradias, o que gerou muito desemprego na região, deixando os caboclos sem terras para trabalhar.

A tensão na região aumentou ainda mais quando a estrada de ferro ficou pronta. Muitos trabalhadores que atuaram em sua construção tinham sido trazidos de diversas partes do Brasil e ficaram desempregados com a conclusão da obra, o que os forçou a permanecer na região sem qualquer apoio por parte da empresa norte-americana ou do governo. Tal descaso proporcionou um sentimento de revolta, nos sertanejos e foi este o estopim para o conflito, que se caracterizou principalmente por relações sócio-políticas.

## **GUERREIRAS DO CONTESTADO: O PAPEL DAS MULHERES NA GUERRA**

A mulher ao longo do tempo, em diferente cenários e territórios, foi desprovida de direitos e submissa ao homem, isso durou décadas para ser mudado, pois ao que tudo indica, a mulher sempre foi definida como inferior ao homem, e sem os mesmos direitos.

Com o passardos anos isso foi mudando a mulher foi conquistando seu espaço e adquirindo igualdade perante o homem, demonstrando sua força e determinação, conseguiu conquistar seu espaço.

Neste período, as mulheres não tinham direitos, não podiam votar, e aos poucos transformaram essa realidade ao seu modo conquistaram espaço.

Durante a Guerra do Contestado observou-se que algumas mulheres se destacaram durante tal embate, e já em 1912 fato este, extremamente curioso, as mulheres ganharam espaço e respaldo, não foram rebaixadas, como em tantos outros territórios, em um mesmo espaço temporal.

Mesmo vivendo sob acentuado domínio patriarcal, muitas mulheres desempenharam papéis importantes no movimento do Contestado. A começar pelas “virgens”. O monge José Maria se fazia acompanhar de um séquito delas para auxiliá-lo nas rezas, nas pregações e no preparo de chás homeopáticos. As “virgens” eram escolhidas por ele e pelas lideranças dos Redutos – ou Cidades Santas – entre aquelas que manifestavam piedade e pureza de alma. Não precisavam ser virgens no sentido biológico, pois havia entre elas mulheres casadas. Mas as que mais se destacaram eram adolescentes. A proximidade com o monge lhes dava respeitabilidade e poder junto à comunidade. Na ausência do líder religioso, assumiam o papel de videntes [...] (TONON, 2012, s/p).

Mulheres, guerreiras, virgens, cada qual com a sua importância neste cenário, deixaram marcas de determinação e liderança, significativas para a época e neste território.

As “Virgens” eram possuidoras de poder e influência sob os sertanejos e o mundo mítico, uma vez que se tornaram representantes do poder e da inspiração divina e estabeleciam um elo entre o “mundo encantado” e o mundo dos sertanejos. O Messianismo existente no Movimento nos permite avaliar a participação delas no Movimento. (SILVA, 2010, p.60).

Conforme exposto, as mulheres participaram ativamente maneiras distintas, antes, durante e após o conflito do Contestado, estas são lembradas em inúmeros relatos do povo que vivenciou a guerra.

Dentre as mulheres que tiveram destaque estão: Virgem Teodora que por meio de suas visões deu esperança a o população cabocla, Maria Rosa que liderou bravamente milhares homens e mulheres e também propiciou fé e esperança ao povo, Chica Pelega, a guerreira que apesar de sua trágica história de vida espalhou bondade e coragem por onde passou e Nega Jacinta conhecida pelos benzimentos ao povo. Cada qual teve sua contribuição evidenciada e merecem destaque pela bravura em tal momento histórico, pois tem-se perdido muitos resquícios destas importantes participações.

As meninas “virgens” eram capazes de estabelecer um elo entre o mundo encantado e mítico com o mundo dos sertanejos, mundo este que os levaram a lutar até a morte

pela crença da Santa Religião e que nos remete à possibilidade de conceber este movimento através de um olhar voltado para universo mítico religioso em que as mulheres foram portadoras e representantes de um grande poder simbólico, mas que trazidos para o plano concreto, influenciaram certamente, muitas das ações e decisões nos redutos. (FELDMAN, 2005, p.2-3).

Nessa perspectiva Baczko (1985) *apud* Feldman (2005 p. 2-3):

Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efectiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada têm de irrisório e não existem, efectivamente, em quantidade ilimitada Alguns deles são particularmente raros e preciosos. A prova disso é que constituem o objecto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras.”

Nesse sentido o poder simbólico<sup>4</sup> vem corroborar para tal entendimento, onde as mulheres proporcionavam tal significância e respeitabilidade diante do povo.

Embora as mulheres tenham sido narradas pela história como coadjuvantes, destinadas aos papéis secundários, é notório que mesmo entre as populações caboclas onde a cultura geralmente foi orientada pelo viés androcêntrico ressurgiu no presente a orientação de uma mulher que foge dos modelos de conduta convencionais. (SAVOLDI; GEROLDI; RENK, 2010, p. 4).

As inúmeras mulheres que participaram da Guerra do Contestado, em meio da floresta, reclamando por seus direitos, lutando por sua liberdade, identidade e sua história, continuam vivas no imaginário do caboclo. Suas vozes, na busca por igualdade, ainda podem ser ouvidas. Outras surgiram quebrando o silêncio em vários lugares do mundo na luta incessante contra a opressão.

Neste contexto tão abrangente que são as mulheres do contestado, poderíamos enaltecer inúmeras delas, pois, muitas merecem ser lembradas, como Nega Jacinta que benzia, dentre tantas outras que não foram retratadas pelo poder simbólico e de liderança destacadas as virgens messiânicas Chica Pelega, Maria Rosa e Teodora, suas atuações não foram menos importantes, elas cuidavam de doentes, apoiavam seus maridos aconselhando-os e lutando junto com seu povo.

---

<sup>4</sup> O poder simbólico nesse sentido vem a se referir às mulheres que determinavam as ações e decisões dentro dos redutos, visto que tal conceito, é fator determinante de imposição ou legitimação de dominação.

### **VIRGEM MARIA ROSA: A QUE TUDO SABIA**

Durante a Guerra do Contestado várias mulheres se destacaram, mas dentre elas Maria Rosa denominada Virgem pelo Monge, ganhou notoriedade e sobre ela há vários registros e que contam sua história. Maria Rosa de acordo com Queirós (1977, p. 151) era uma adolescente de 15 anos, “loura, cabelos crespos, pálida, alegre de extraordinária vivacidade”, era analfabeta mas “falava sem desmbaraço”.

[...] Andava amiúde com um vestido branco, enfeitado de fitas azuis e verdes e de penas de pássaros, de todos os matizes, em profusão. Era ela quem nas procissões marchava à frente, carregando uma grande bandeira com a cruz verde. (QUEIRÓS, 1981, p. 151).

Não há fotografias de Maria Rosa, somente representações do imaginário de autores que admiram esta magnífica mulher. (Figura 1)

**Figura 1** - Aquarela: Maria Rosa



Fonte: Schüler (2013)

Maria Rosa foi à personagem feminina de maior destaque da época nos redutos. À ela, foram atribuídas qualidades excepcionais enquanto vidente e comandante. Dificilmente alguém fazia algo sem antes consultar "quem tudo sabia". Maria Rosa teve um



papel importantíssimo e semelhante à Anita Garibaldi na Revolução Farroupilha, filha de agricultor que junto à família adentraram ao reduto de Taquaruçu.

Maria Rosa, aos 15 anos, em meio a orações, entrava em transe e discursava dizendo receber ordens do monge José Maria. Durante os transe tinha visões de batalhas e, daí em diante, era ela quem definia as ordens recebidas pelo espírito do monge para organizar o comportamento do grupo. Com o passar do tempo, além de líder espiritual, a virgem Maria Rosa se transforma em chefe militar e comandou a retirada estratégica, após a primeira batalha de Taquaruçu, em 1913, para o novo reduto em Caraguatá. (RUBIM, 2008, s/p).

Queiroz (1977) descreve em sua obra que o povo obedecia cegamente às ordens de Maria Rosa que era vista como a principal representante da vontade do monge, e dele conhecia os secretos desejos, para tanto Maria Rosa designava comandantes e sentenciava se necessário.

Maria Rosa também instituiu uma rígida disciplina militar conforme Borges (2007) ela determinava que fossem feitos exercícios diários, o que de fato é surpreendente, uma menina, analfabeta sem conhecimentos sobre técnicas militares, comandava de maneira invejável homens maduros, e estes respeitavam e obedeciam tais ordenações.

Maria Rosa é incansável. Procura dar apoio a todos os enfermos. Consola as famílias. É provida de obstinada dedicação ao seu povo. Todos os necessitados esperam pelo seu conforto. É espantosa a transformação que ocorreu naquela menina. Ora é menina, ora é uma mulher, determinada, cheia de iniciativas. Não se descuida, no entanto das atribuições militares. Literalmente incorpora um espírito guerreiro e autoritário. Dá ordens, estabelece estratégias e não quer ser surpreendida pelo inimigo. (BORGES, 2007, p.140).

Conforme cita o autor, percebe-se o quão determinada era Maria Rosa, sua dedicação sempre estava voltada em prol dos que mais precisavam e com perseverança ela liderava e comandava com esmero.

A figura de Maria Rosa, a virgem, mulher respeitada e temida por todos é representada a partir de declarações dos próprios caboclos, Willy Alfredo Zumblick retrata Maria Rosa em sua pintura (Figura 2) onde retrata ela à cavalo, com uma das mãos conduz as rédeas do animal e com a outra leva o estandarte.

Maria Rosa participava das procissões no reduto, e costumava receber mensagens de José Maria, Borges (2007, p.130) cita uma dessas mensagens:

O nosso reduto será bombardeado e arrasado. Esta é a nossa missão santa. Nossa missão é divina. Não temos que temer nada. Devemos estar prontos e oferecer as nossas vidas A



mansão celestial esta cheia de lugares para os seus anjos. Quanto mais ardorosa for a batalha mais beatificados seremos. São Sebastião e São Jorge e mais José Maria dizem que cada um de nós tem um propósito no nosso Exército Encantado. O nosso povo é abençoado! Quem não quiser participar da nossa luta divina, que saia agora. Não temos lugar para covardes e indecisos. A hora de sair é agora! [...]

Conforme Silva (2010, p. 58) “para os sertanejos, a “Virgem” era considerada uma santa e que ela “tudo sabia”. Para eles Maria Rosa representava com fidelidade a vontade do Monge e por isso tinha o poder de destituir, designar e sentenciar”. Percebe-se que Maria Rosa comandava o povo e tal como era, nos redutos todos a ouviam e obedeciam.

Figura 2 - Pintura: Maria Rosa.



Fonte: Zumblick (1953)

Machado (2004) expõe que Maria Rosa comandou uma longa marcha para evacuar Caraguatá indo em direção ao novo reduto de Bom sossego, cerva de 2 mil homens e 600 cabeças de gado cargueiros de mantimentos, o que denota que tal feito não a diferenciava dos homens, mas posteriormente, Maria Rosa “perdeu o aço” ficando , como Teodora numa posição secundária nos futuros redutos.

Maria Rosa de acordo com Borges (2007) procurava incansavelmente apoiar as famílias, ajudar os enfermos sem deixar de lado as atribuições militares a ela determinadas, incorporando sempre espírito guerreiro e autoritarismo, impondo ordens e estratégias para derrotar os inimigos. Ela morreu em 1914, lutando contra as tropas do general Setembrino de Carvalho, consolidando-se como mulher guerreira na busca incessante de justiça social.

Maria Rosa deixou marcas por onde passou, seja por sua preocupação com o povo, seus atos heróicos ou sua bravura diante de todos ela perseverou. Esta mulher magnífica é citada por inúmeros pesquisadores, e dentre todas as mulheres foi a que mais ganhou destaque, sendo lembrada como guerreira, heroína, santa, líder, mártir e guia, e em diversos relatos há a comprovação de sua existência, e o caminho trilhado por esta mulher levantou multidões em busca de justiça. Maria Rosa se diferencia de outras tantas pela liderança que estabeleceu nos redutos e pela personalidade de guerreira iluminada. Fatos estes que merecem destaque diante da história enaltecendo-a por tamanha dedicação ao povo do Contestado.

### **CHICA PELEGA: A JUSTICEIRA CABOCLA**

Valentini (2000) relata que a família de Chica veio do Rio grande do Sul onde viveram como peões em fazendas. A mãe de “Chica” há muito tempo tentava engravidar e por motivos desconhecidos do casal, não conseguia, até que um dia o pai recolhera as cinzas de uma fogueira que supostamente teria sido deixada por João Maria, Vasconcellos descreve :

Um dia e meio de caminhada, ao norte da gleba, havia um oco de pedra onde se dizia haver descansado, por três noites seguidas, o Monge João Maria. Ali Zinho catou uns restos de carvão, seriam por certo restos da fogueira do Monge, e ao fim dessa peregrinação de três dias Chiquinha coseu-os em duas trouxinhas de pano, pendurando-as cada cônjuge no pescoço, como inseparáveis amuletos. Depois disso até as colheitas melhoraram, ambos trabalhando com maior disposição na fé, e multiplicaram-se com mais fertilidade os animais de criação. E Chiquinha, inclusive, engravidou. Engravidou sim. Por uma única vez, mas engravidou. (VASCONCELLOS, 2008, p. 43).

Tal afirmação vem a ter grande importância que compreenda-se a relação existente entre Chica e Monge. Desde muito pequena a menina demonstrava habilidades com as ervas e o cuidado com os animais que eram acreditados e entendidos por todos como dons concedidos pelo monge.

Savoldi; Geroldi e Renk (2010) expõe que a história trágica e heróica de Chica Pelega tem início assim como a história de tantos caboclos que foram mortos e expulsos das terras que acreditavam serem donos. Com a chegada dos jagunços nas terras da família, depois de retornarem dos trabalhos na roça, Francisca Roberta e sua mãe encontraram seu pai e o tio que vivia com elas, mortos em frente a casa e o paiol incendiados. Desoladas as duas foram buscar ajuda na casa da família do futuro noivo de Francisca Roberta há alguns

quilômetros dali, e depararam-se com outra cena brutal: todos estavam mortos. Desesperadas ao verem aquele massacre, as duas embrenharam-se nas matas:

Sem mais lágrimas para verter, amparando-se mutuamente, seguiram adiante apenas com a roupa do corpo, para um destino incerto. E assim perambularam por semanas e meses, nutrindo-se do que havia, já agora na companhia de tantos outros escorraçados. Francisca Roberta, por aceitação tácita, liderava essa confraria de errantes. Uma Liderança sequer pleiteada, acontecida ao natural. Ao grupo de estropiados somava-se sempre um novo membro, ali e acolá, e um desses novos aderentes falou-lhes na ressurreição do Monge o qual, naquele momento, estaria partindo de Campos Novos, para a festa do Senhor Bom Jesus de Taquaruçu, nos limites de Curitiba. Então Francisca Roberta e o seu grupo errante para Taquaruçu rumaram os passos. (VASCONCELLOS, 2008, p.77).

Valentini (2000) afirma que ao chegar em Taquaruçu Chica Pelega ganhou notoriedade, e logo foi admirada por todos, pois cuidava dos doentes e crianças. Também possuía habilidades excepcionais, e junto ao monge reencarnado José Maria, cuidavam da comunidade Santa de Taquaruçu.

Segundo Valentini (2000, p.117) Chica Pelega “é pouco citada nos livros e para muitos nem existiu”. Na memória dos sertanejos, Chica Pelega é uma heroína dos sertões, dividindo espaços com a também admirada virgem Maria Rosa. Mas independentemente de uma legitimidade histórica, a população cabocla e as mulheres camponesas cultuam a história de Chica Pelega como um modelo de conduta para as mulheres. Nos últimos anos os movimentos sociais apresentam a orientação de que “é preciso fazer a história”, quer dizer, agir como sujeito, “ir á luta” em busca dos direitos. A Chica Pelega torna-se referência quando o mote é a luta.

[...] Era livre, inteligente e emotiva. Sonhava com o outro mundo, diferente daquele doméstico : um que tivesse muita gente onde pudesse festejar, falar, ouvir; um mundo onde as mulheres participassem das reuniões, das decisões, junto com os homens. (PRADI, 2010, p.22).

Chica Pelega era reconhecida como herdeira do monge, no que se refere aos saberes sobre as plantas medicinais, cuidado com pessoas e animais, na simplicidade, honestidade e na luta por justiça.

Coração compassivo e generoso, logo ao chegar em Taquaruçu, atraiu todas as simpatias, principalmente das crianças e dos enfermos. Assim de imediato chamou atenção de José Maria, indo aos poucos se tornando indispensável auxiliar de enfermagem. Em breve aprendeu lidar com chás, as infusões, o conhecimento e o trato com as ervas medicinais. (FELIPPE, 1995, p. 55).

Vasconcellos (2008, p. 92) ainda descreve que a dedicação de Francisca Roberta em suas tarefas era tão grande que muitos a presenteavam, e um desses presentes foi de um fazendeiro, que lhe deu um cavalo e tempo depois uma espécie de mantilha de lã, felpuda como um pelego. “E vestida com seu pelego e montada a cavalo, diziam que se via a Chica Pelega correndo pelos campos, e o apelido Chica Pelega ia cada vez mais se esparramando pelos barrancos de São Sebastião: Chica Pelega Guerreira de São Sebastião” Assim

[...] Ela transformara-se em sinônimo de força e referência a tantos escorraçados como ela. E já no primeiro ataque a comunidade Santa, a heroína surpreendeu a todos, montada em seu cavalo, empunhando a bandeira branca de cruz verde ao centro, lutando e dando coragem aos sertanejos. (SAVOLDI; GEROLDI; RENK, 2010, p. 5).

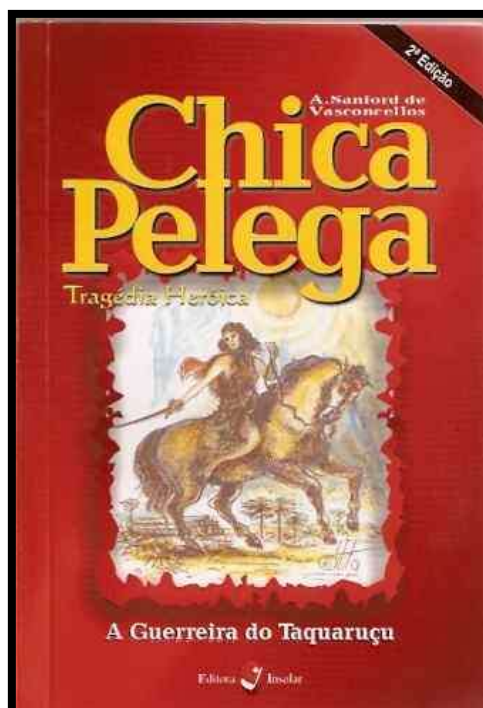
A atuação de Chica Pelega é ilustrada por Vasconcelos: A Chica chega gritando “Viva a Monarquia! Viva São Sebastião”. Esta Guerreira enfrentou com coragem e bravura metralhadoras, armada somente com seu facão orientada pela sede de justiça e abençoada pelo Monge e São Sebastião, foi nesta ocasião, que ao que contam esta brava heroína morreu, e deixou marcas por onde passou.

A história de Chica Pelega é caracterizada por sucessivas perdas, o pai, o noivo e a propriedade. Seu pelego parece ter sido o que lhe restou no plano material. Revoltou-se com as injustiças e torna-se a guerreira de São Sebastião. A vida só tinha sentido se fosse para lutar contra todas as injustiças sofridas e pelos seus. (SAVOLDI; GEROLDI; RENK, 2010, p. 5).

Conforme Vasconcellos (2008,p.21) Chica Pelega “independentemente da sua existência física, significa a indignada síntese de uma coletividade injustiçada. Porque Chica Pelega é algo no Plural” que representa um emblema de luta, e nesse recado se alicerça a sua maior importância. O sonho da implantação de um Império Caboclo na região do Contestado assenta-se principalmente no grito em favor do direito à terra, encontrando no messianismo desesperado agasalho.

A obra intitulada Chica Pelega: A Guerreira do Taquaruçu (Figura 3) vem a ser uma narrativa em forma de romance, sobre a vida de Francisca Roberta, baseada em estudos reais sobre o Contestado, sendo portanto, referencia essencial para tal compreensão.

nCapa do livro:Chica Pelega: A Guerreira do Taquaruçu



Fonte: Vasconcellos (2008).

A capa deste livro representa Chica Pelega, não há registros fotográficos desta guerreira, somente relatos que afirmam a sua existência, e apesar de não se conhecer suas características físicas, a partir de inúmeras leituras percebeu-se o quão gratos o povo caboclo é a esta guerreira, pois várias foram seus atos de bondade e luta juntamente aos caboclos, e tais atitudes para com o bem de todos foram extremamente significativas para manter vivas a fé e a esperança dentro dos redutos, diante de tanta dor e sofrimento.

## **VIRGEM TEODORA E SUAS VISÕES**

A menina Teodora participou ativamente nos redutos durante a Guerra do Contestado, além da influência de seus familiares, ela também exercia um poder simbólico representativo sob a população cabocla.

A virgem determinava aos caboclos ordens repassadas pelo monge em suas visões, e a ela todos obedeciam pois, acreditavam cegamente nos mandamentos do monge.

Theodora, uma das virgens, talvez a mais importante, seguida de Maria Rosa, dentre outras, costumava ter visões e a partir delas impor aos sertanejos o cumprimento de tais

ordens, pois assim era a vontade do Monge. O poder e a inspiração divina de Theodora eram encarados por seu avô, Euzébio Ferreira dos Santos, como um dom merecido, pois só as meninas novas e virgens deveriam ter a graça de ver e de falar com o monge. (FELDMAN, 2005, p.2-3).

Teodora, neta de Eusébio Ferreira dos Santos e Querubina, com 11 anos começou a relatar que tinha visões após um ano da morte de José Maria, nessas visões recebia ordens do monge, que determinava que todos voltassem a Taquaruçu para aguardar seu retorno junto ao “Exército Encantado”. A partir de então diversas pessoas acataram suas ordens e foram em direção a Taquaruçu, juntando-se em terras de Chico Ventura, deram início ao primeiro “Quadro Santo” ou “Cidade Santa”, comunidade esta que viveria seguindo as ordens do monge, transmitidas por Teodora .Silva (2010).

Teodora era discípula de Chica Pelega, teve grande influencia durante a guerra, espalhando esperança em meio ao caos, repassando mensagens do monge, a confiança depositada nesta menina foi gigantesca, de tal modo que todos a ouviam e obedeciam as ordens que eram impostas.

Dentre todas as mulheres que se destacaram na Guerra do Contestado a única que se teve contato e existem pesquisas e entrevistas, registros fotográficos, é a virgem Teodora, tal como percebe-se na foto (Figura 4) passaram-se décadas da Guerra e Queiroz ao entrevista-la, ela relatou que as visões que dizia ter, nada mais eram que invenções de seu avô e Querubina.

#### **Figura4 - Virgem Teodora**





Fonte: Queiroz (1954, p. 317).

Em depoimento a Maurício Vinhas de Queiroz, Teodora afirmou que as “visões” que tinha com José Maria não passavam de invenções de seu avô Eusébio e de outras lideranças, como forma de dirigir o grupo e legitimar suas decisões. Independentemente disso, as “visões” de Teodora, traziam uma ligação com o sagrado, estas “visões”, juntamente com as relações de compadrio e amizade, foram responsáveis pelo aumento do reduto de Taquaruçu, suas “visões” foram importantes para aglutinar pessoas em torno de uma mesma esperança.[...] (SILVA, 2010, p.57).

Teodora permaneceu pouco tempo como vidente e comandante de Taquaruçu, “ não chegou a completar duas semanas como vidente comandante do reduto, porque crescia a descrença em suas visões, e ela mesma parecia ter-se assustado com a própria representação”, (Machado, 2004, p.200) devido à essas descrenças criadas em torno de suas visões, tal fato desmotivou a população no reduto, sendo assim ela continuou atuando nos redutos, cuidando dos doentes foram importantes para aglutinar pessoas em torno de uma mesma esperança.

Dentre as mulheres que se destacaram nos redutos do Contestado, Teodora deixou marcas na história, apesar do pouco tempo diante do reduto, e mesmo após o depoimento dado à Mauricio Vinhas de Queiroz, com certeza o seu feito não foi esquecido, pois afinal, suas visões sejam ou não verdadeiras proporcionaram esperança e fé ao caboclo do Contestado, e muitas foram as pessoas crentes nela, seguidores de um mesmo objetivo, liderados por tamanha garra e coragem dessa mulher, determinados e com esperanças de um novo mundo.



Segundo Silva (2010, p. 57) terminada a Guerra “Teodora passou a viver em Perdizes Grandes com o tio Antonio Ferreira dos Santos e família, casou duas vezes e teve oito filhos. E no ano de 1979 veio a falecer na cidade de Curitiba, aos 78 anos.” Teodora foi a única que se tem notícias, que constituiu família após a Guerra.

A representatividade das mulheres neste sentido evidencia-se de maneira extremamente importante diante dos acontecimentos durante a guerra, pois cada qual a sua maneira contribuiu grandemente seja por sua bravura, seja por suas atitudes heróicas ou os próprios cuidados com o povo, particularidades estas que definem características ímpares, e determinam tais feitos que não podem ser apagados, mas sim rememorados e partilhados para que não fiquem esquecidos no tempo, assim como a própria Guerra do Contestado e suas marcas, que há tempos vem sendo apagada e necessita veemente ser compreendida em suas especificidades e compartilhada, visando demonstrar os reais acontecimentos enaltecendo homens e mulheres, caboclos do Contestado, que lutaram até as últimas consequências por um ideal.

### **NEGA JACINTA: UMA TÍPICA CABOCLA DA REGIÃO.**

Esta grande mulher fez história, nas poucas ações que promulgou na região do Contestado, era denominada pelos caboclos como “Santa”, pois, curava doentes, fazia benzimentos, rezas e partos.

Nhá Emídia ou Nega Emídia era uma cabocla que vivia em Três Barras na época do Contestado. Fazia benzimentos e rezas para os sertanejos. Os antigos diziam que ela tinha o poder de cura. A fama não se apagou com o tempo e acabou transformando-a em "santa", mesmo sem ser canonizada. Até hoje ela é reverenciada por muitos católicos de Três Barras que garantem terem sido agraciados por seus milagres. (PADILHA, s/p, 2002).

Sobre ela não há muitos registros bibliográficos a serem citados, mais que palavras impressas, são as lembranças do povo caboclo que recontou seus feitos em agradecimento a sua generosidade.

Nega Jacinta ao que se sabe, residia em uma gruta, que atualmente é denominada Santa Emídia (Figura 9) que fica na localidade do Rio do Tigre, na cidade de Três Barras-SC<sup>5</sup>, e neste mesmo local sabe-se que ela abrigou o profeta São João Maria de Agostinho,

---

<sup>5</sup> Cabe ressaltar que na cidade de Três Barras localizada no estado de Santa Catarina foi implantada a madeireira Southern Brazil Lumber & Colonization, que promoveu uma devastação ecológica gigantesca na região.

quando este havia passado pela região deixando suas profecias, em função disto, esta gruta tornou-se um local sagrado.

O local é muito procurado por fiéis de toda região, principalmente, na sexta feira da Paixão, quando chega a aproximadamente mil o número de pessoas que fazem o trajeto em direção a gruta.

Percebe-se o quão representativa foi a presença dessa santa, tanto que até hoje ela é lembrada. Nega Jacinta ainda em vida espalhou bondade, dedicou-se aos cuidados aos doentes, caboclos e caboclas do Contestado.

Figura 9: Gruta Santa Emília



Fonte: Acervo da autora (2012)

Sobre ela há muito que se descobrir, afinal, pouco se sabe a respeito de sua vida, mas com certeza o pouco que tem sido espalhado, é digno de respeito e admiração, seus atos não se passaram despercebidos, pois ela fez a diferença e contribuiu com o povo sem pedir nada em troca.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Guerra do Contestado transparece como realmente os governantes e políticos tratavam as questões sociais no início da República, onde os interesses financeiros eram voltados as grandes empresas e proprietários rurais, e a população pobre não tinha direito algum. Tais embates não tinham espaço para de modo a solucionar os conflitos por meio de negociações, e quando houve organização daqueles que foram injustiçados, as forças oficiais, com apoio dos coronéis, combateram os movimentos com repressão e força militar.

As causas deste embate foram várias, luta pela posse de terras, a questão de limites entre o estado do Paraná e Santa Catarina, a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, entre outros fatores extremamente complexos que desencadearam o conflito. O messianismo, a influência dos monges durante a guerra, foi o que proporcionou coragem ao caboclo lutar até a morte pelo seu pedaço de terra.

As mulheres no contexto da Guerra do Contestado estão ligadas as concepções de um universo místico e religioso envolto de representatividades simbólicas, as relações existentes entre elas e os monges determinaram tal compreensão.

Mulheres, guerreiras, virgens, cada qual com a sua importância neste cenário, deixaram marcas de determinação e liderança significativas para a época neste território, e apesar dos seus grandes atos muito das suas histórias vem se perdendo no tempo, o que de fato não se deve ter fim. Essa pesquisa buscou enaltecer as mulheres do Contestado, Maria Rosa, Chica Pelega e Teodora e a Nega Jacinta, que representam uma pequena parcela de um todo de riqueza existente em volta deste contexto. Pois, sabe-se que a figura feminina presente nos redutos durante toda a Guerra foi extremamente presente, seja diante das famílias ou como guerreiras, as mulheres em geral lutaram por um mesmo ideal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste contexto, as mulheres ganharam notoriedade, transformando concepções machistas ainda presentes na época, foram conquistando seu espaço e territorializando.

Maria Rosa é citada por inúmeros pesquisadores, e dentre todas as mulheres foi a que mais se destacou, é sempre lembrada como guerreira, heroína, santa, líder, mártir e guia, relatos comprovam a sua existência, e o caminho trilhado por esta mulher levantou multidões em busca de justiça. Maria Rosa se diferencia pela liderança que estabeleceu nos redutos e pela personalidade de guerreira iluminada.

Chica Pelega teve uma história de vida conturbada, e extremamente ligada ao contexto da Guerra, diante de tanto sofrimento essa menina-mulher cresceu e deu sua vida em prol dos necessitados, ganhou notoriedade e era admirada por todos, pois cuidava dos doentes e crianças. Também possuía habilidades excepcionais, e junto ao monge reencarnado José Maria, cuidavam da comunidade Santa de Taquaruçu. Chica Pelega representa um emblema de luta, e nesse recado se alicerça a sua maior importância. O sonho da implantação de um Império Caboclo na região do Contestado assenta-se principalmente no grito em favor do direito à terra, encontrando no messianismo desesperado agasalho.

A Virgem Teodora também teve participação ativa nos redutos, tinha visões em que o monge repassava mensagens, e estas estabeleceram um grande poder simbólico. Mesmo diante do autoritarismo de Euzébio seu avô e sua esposa` Querubina, a menina Teodora conquistou com dedicação inúmeros seguidores. Apesar dela própria ter confessado que tais visões não passavam de invenções de seu próprio avô, os seus atos perante o povo em dado território e determinado tempo ficou personificado na história e na vida daqueles que viram nesta mulher esperança de vida.

Ao abordar o papel da mulher na Guerra do Contestado, priorizou-se um resgate aos feitos e as contribuições atribuídas a elas, o que de fato é de extrema importância para que seus feitos, sejam enaltecidos perante a história e não se percam no papel, afinal a bravura destas guerreiras ajudaram muitas pessoas em busca de um mesmo ideal.

Percebeu-se a escassez de relatos bibliográficos que denotem as mulheres e sua participação na Guerra, visto que elas tiveram papel conclusivo em diversos momentos.

Conclui-se que as mulheres tiveram papel fundamental no desenrolar da Guerra, seja como for, tanto as mulheres que se confinavam aos afazeres domiciliares, que de certa forma eram capazes de fortalecer seus lares e auxiliar umas as outras obedecendo as ordens existentes nos redutos, quanto as virgens, líderes e guerreiras, que obtiveram destaque por seu brio e coragem, fortalecendo e encorajando homens e mulheres a lutarem por seu pedaço de terra. Nesse sentido entende-se a complexidade em que se insere a figura feminina, onde essas mulheres não se deixaram abater.

Portanto as proporções que este conflito denominado Contestado atingiu, foram gigantescas, caboclos/sertanejos que deram seu grito de guerra em busca de um ideal foram atacados brutalmente e mortos, resultando em um genocídio imensurável. Por este e muitos outros motivos, esta injustiça não deve ser esquecida, mas lembrada assim como as mulheres que tiveram uma representatividade grandiosa e digna de merecimentos mínimos por tais feitos sejam eles heróicos, atos de fé ou luta, agiram bravamente por um ideal conjunto.

As mulheres do Contestado quebraram paradigmas impostos pela própria sociedade ao longo do tempo, onde homens sempre foram superiores, deste modo, dada à época em que ocorreu a Guerra, percebeu-se quão determinadas essas mulheres foram, e seguiram vitoriosas, em tempos em que muitas eram submissas.

Tais constatações expressam a coragem que cada uma delas teve ao enfrentar tudo e todos sem temor, e mais que isso, demonstrarem com afinco que independentemente

de gênero, seus anseios também mereciam voz e vez, e nesse sentido, se expressaram bravamente e lutaram em busca de justiça social.

## REFÊRENCIAS

BORGES, Átila José. **A menina e o General**. Maria Rosa: A menina guerreira, nossa Joana D' Arc Cabocla. General Carneiro: O Herói do cerco da Lapa - PR. Curitiba: Editora do autor, 2007.

DOLBERTH, Aldo. **Maria Rosa: A virgem comandante da Guerra Sertaneja**. Curitiba: Tipograf, 2005.

FELDMAN, Sergio Alberto. **Virgens Messiânicas: A Participação Feminina e Imaginário Religioso no Movimento do Contestado 1912-1916**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

FERNANDES, Rafael Carlos Prieto. Contestado, vivido e sentido. In: FRAGA, N. C. (Org.) **Contestado: O Território Silenciado**. Ed. Insular, 2009.

FRAGA, Nilson Cesar. Contestado a grande Guerra Civil Brasileira. In: SCORTEGAGNA, A.; REZENDE, C. J. e TRICES, R. I. (Orgs). **Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005, p.228-255.

\_\_\_\_\_ (Org.) **Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil (1912-2012)**. Florianópolis: Insular, 2012.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças no Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

PRADI, Cirila de Menezes. **Chica- Pelega do Taquaruçu**. Florianópolis, 2000.

QUEIRÓS, Mauricio Vinhas. **Messianismo e Conflito Social**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1977.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RUBIM, Sergio. **As mulheres no Contestado**. Brasil cultura, 2012. Disponível em: <<http://www.brasilcultura.com.br/sociologia/as-mulheres-no-contestado>>. Acesso em: 27 set. 2013.

SANTA CATARINA. **Contestado**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 2002.

SAVOLDI, Adiles ; GEROLDI, Josiane ; RENK, Arlene. **Presença da “luta” com Chica Pelega: Narrativas caboclas nas experiências cotidianas. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010.

SILVA. Natália Ferronato da. As “Virgens Messiânicas”: participação e influência das “Virgens” Teodora e Maria Rosa no Contestado (1912-1916). **Revista Santa Catarina em História – Florianópolis**, v.1, n.1, 2010.

SCHÜLER, Márcia. **Aquarela: Maria Rosa**. Artista Plástica: Videira- PR. 2013.

ONON, Eloy. **Virgens, videntes, guerreiras**. Centenário do movimento do Contestado. Revista de História. Kaygangue, 2012. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/virgens-videntes-guerreiras>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a guerra do contestado. 2. ed. Caçador: UNC, 2000.

VASCONCELLOS, Aulo Sanford de. **Chica Pelega**: A Guerreira de Taquaruçu. Florianópolis: Insular, 2. ed. 2008.

TELLES, Vicente. (org.). **Folclore Itinerante da Epopéia do Contestado**. História em Música. Irani, 2002.

ZUMBLICK, Willy Alfredo. Artista Plástico. **Pintura: Maria Rosa**, 1953. Disponível em: <<http://sluizalves.wordpress.com/2011/02/07/guerreira-santa-maria-rosa>> Acesso em: 30 ago.2012.